



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

OSÓRIO, RS, 26 DE JUNHO DE 1998

*Senhor Governador e meu caro amigo Antônio Britto; Ministro Eliseu Padilha; Ministro Francisco Turra; Senador José Fogaça; Senhores Deputados Federais e Estaduais que aqui se encontram; Senhor Prefeito Alceu Moreira da Silva; Senhores Prefeitos, numerosos, que aqui estão; Vereadores; Trabalhadores; Empresários; Senhoras e Senhores,*

Governador Britto e Ministro Eliseu, não tenho os dons, os dotes do discurso, como têm Vossas Excelências, de modo que peço licença para conversar, mais do que fazer um discurso.

Quero conversar com este povo querido daqui de Osório, região que conheci há tantos e tantos anos – não vou dizer nem quantos –, tomando chimarrão juntos, como agora estamos, aí, com chimarrão levantado para que a gente possa tomar. Simbolicamente, estou tomando este chimarrão.

Este povo querido do Rio Grande merece muito mais do que tem sido feito. É verdade que havia uma lista de demandas, de reivindicações do Rio Grande. É verdade que essas demandas estão sendo atendidas. Não vou repeti-las porque aqui já foram ditas, e ditas com muita

competência por quem sabe, e sabe mais que eu. Mas me alegra, como brasileiro, poder dizer que o Rio Grande, hoje, voltou a levantar a cabeça, a sentir orgulho de ser parte do Brasil.

Nada mais alegra um brasileiro do que ver os gaúchos na fronteira, destacados na fronteira, como o exemplo vivo de um Brasil que vai ser, cada vez mais, igual ao Rio Grande. Um Brasil livre, um Brasil generoso, um Brasil competente, um Brasil que não se intimida, mas um Brasil que, também, não guarda rancor, não tem ódio. Um Brasil que acredita no futuro, que tem esperança e que vê essa esperança concretizada já no presente.

É verdade o que disse o Governador Britto: nós temos que olhar sempre mais adiante. E ele disse uma frase que é semelhante à frase famosa de Maquiavel, que quando se estão fazendo reformas, mudanças, nós primeiro juntamos os inimigos contra e os aliados não vêem ainda as vantagens do que está sendo feito e, portanto, não vêm depressa ao nosso socorro. Mas é preciso ter olhar de confiança para fazer com que o futuro comece a ser presente. É a isso que nós estamos assistindo, aqui, no Rio Grande. O futuro do Brasil começa a ser presente no Rio Grande.

Assisti, há poucos instantes, em uma fábrica da General Motors aqui perto de Porto Alegre, na Grande Porto Alegre – e não foi a primeira vez que fui, porque já sobrevoei com o Governador Britto aquela região – assisti à força imensa do que vai ser esse Rio Grande. Não é uma fábrica; acopladas a essa fábrica estão mais 19 fábricas.

Outro dia, vi na televisão um economista, que respeito, dizendo que a indústria automobilística no Brasil estava sucateada. Fico pensando de onde é que eles tiram essas idéias. Nós produzíamos, no começo dos anos 90, 1 milhão e poucos mil automóveis. Agora produzimos 2 milhões. Só esta região aqui vai produzir 200 mil carros novos. Mas não basta. A Ford vem para cá também, e ela também será outro pólo de desenvolvimento. E vão se acoplar outras indústrias, e não vão, simplesmente, ser montadoras. Montadora no mundo todo é assim. Mas, ao lado da montadora, está a produtora da autopeça. É claro que isso produziu um certo solavanco no Brasil.

Quando assumi a Presidência da República, havia fábricas de automóveis em São Paulo e em Minas, só. Hoje, temos mais fábricas em São Paulo, temos mais fábricas em Minas, temos no Rio, no Paraná, no Rio Grande do Sul, na Bahia e vamos continuar espalhando o progresso industrial, porque a riqueza do Brasil está sendo desconcentrada. Não está diminuindo nas áreas onde já havia riqueza, mas está aumentando onde não havia riqueza. Isso é o que nós temos que fazer no Brasil.

E eu, como homem de São Paulo, sinto uma satisfação imensa de lhes dizer que, quanto mais se desconcentrar, melhor será para o Brasil e melhor será para São Paulo também. De que valeria ter tudo concentrado em São Paulo, e o resto do Brasil a demandar? A demandar com listas infinitas que não eram nunca atendidas? Não. O Brasil que nós queremos é um Brasil de brasileiros integrados, todos, em um mesmo pensamento.

É verdade que, aqui, no Rio Grande, é meu dever dizer e digo com satisfação: o Rio Grande encontrou e elegeu um grande Governador. Um Governador que nunca esmoreceu, um Governador que soube fazer, o que me deixa com reconhecimento. Ele nunca escondeu o que o Governo Federal fez pelo Rio Grande. Fizemos em parceria, porque o Brasil só cresce em parceria. O Brasil não vai mais crescer com placas que dizem “o prefeito fez, o governador fez, o Governo Federal fez.” As placas não contam, o que conta é o caminho que está sendo feito em conjunto por todos nós.

Não posso deixar de dizer aos gaúchos que tudo isso é importante, se nós estamos, realmente, fazendo, dotando o Rio Grande de mais energia; se daqui a pouco haverá mais gasodutos, trazendo o gás da Argentina para o Rio Grande; se temos mais estradas; se temos mais pontes; se temos o porto do Rio Grande, que vai ser um grande porto do Mercosul, aprofundado; se nós temos tudo isso, o que mais conta são outras coisas. Nós estamos aumentando a instrução no Rio Grande. Nós aprovamos, agora, 60 mil bolsas novas de crédito educativo. Nós distribuímos – e aqui há prefeitos que são testemunhas disso – convênios às prefeituras para que tenham transporte escolar. É o homem, é a mulher, é a criança, é o mais velho que estão melhorando, progressiva-

mente. Não vem tudo de uma vez, demora. A saúde foi difícil, foi um trabalho continuado, de vários ministros. Agora o Ministro Serra vai lá e, com a energia que já foi criada, por tudo que nós preparamos, mostra que hoje a saúde, também, tem solução. E para essa solução o Ministro César Albuquerque, que é do Rio Grande, colaborou e muito.

Aqui, nos transportes, se hoje nós pudemos fazer, é porque houve uma continuidade do mesmo espírito. Aqui está o Odacir Klein, que foi Ministro dos Transportes, está o Saldanha, que foi Ministro dos Transportes, está o Padilha, que foi Ministro dos Transportes. Todos os três gaúchos, de boa qualidade, que deram continuidade a este programa, para que nós pudéssemos avançar.

É assim que o Brasil melhora. E nós temos é que olhar para cada pessoa. A obra vale porque ela ajuda as pessoas. As crianças, no caso das escolas. Aos mais velhos e a todos nós, no caso dos hospitais. A terceira idade, que vejo ali, com a alegria de viver. É preciso, cada vez mais, de carinho. Os nossos adversários passaram o tempo todo a dizer que a reforma da Previdência ia tirar direitos. Agora, todos viram, ela assegura os direitos de quem os possui, porque garante os recursos para que nós possamos continuar pagando os aposentados. E quem sabe, amanhã, se nós acabarmos com os privilégios, poderemos pagar mais a quem mais precisa, que é o povo trabalhador, é o povo mais pobre.

O que nós estamos fazendo no Brasil não é, simplesmente, o renascimento de um país que estava um tanto adormecido nas suas obras de infra-estrutura e que, por isso mesmo, tem problema de crescimento. Além dos problemas que nos vieram de fora, como a crise asiática e a crise do México, temos também problemas internos que levantaram a taxa de juros e que impediram um crescimento mais rápido. Tudo isso é certo: a infra-estrutura, a reconstrução da economia, a reforma do Estado. Mas agora o Brasil quer, e já pode, ter mais perto de cada um de nós o problema de cada pessoa, de cada brasileiro. Precisamos dar mais atenção concreta. Diria até, como tenho dito em outras ocasiões, mais carinho às pessoas que necessitam. No hospital, não adianta só a verba ou aumentar o salário; se o médico, se o atendente, se o enfermeiro não se dedicam, também não resolve. Na escola – e o professor, em geral, é

devotado – é preciso que o aluno sinta esse devotamento. Este é o novo Brasil: um Brasil solidário, um Brasil que vai sorrir, sim, com alegria. Um Brasil que, sobretudo, vai repudiar os radicalismos, porque sabe que o radicalismo não leva a nada, a não ser à repetição do passado. E o passado não deixou saudade para ninguém que o viveu e não vai dar ilusões de uma volta, que fosse, idílica, àqueles que não viveram esse passado, que não foi saudoso. Mas que venha um presente que, se não dá tudo de que nós precisamos, pelo menos dá honestidade, dá seriedade, dá competência, dá trabalho e dá vontade, porque nós amamos o Brasil, de trabalhar cada vez mais pelo povo brasileiro.

Por isso, agradeço aqui, em Osório, ao darmos início à duplicação desta estrada, a BR-101, de todo o meu coração a todos vocês que aqui estão. Aos milhares, milhões de gaúchos que estão em suas casas, mas, sobretudo, agradeço o apoio constante que tive do Governador Britto, dos Ministros do meu Governo, sobretudo dos Ministros gaúchos, desta bancada do Rio Grande que nunca me faltou.

E, vamos dizer com toda a sinceridade, é com uma enorme coragem que o futuro começou e nós vamos seguir adiante. E que os agricultores do Rio Grande, esta terra de plantadores, esta terra onde o arroz ainda precisa de atenção, saibam: nós já temos o Pronaf e já temos, como nunca na história, mais dinheiro à disposição dos plantadores, com o juro mais baixo que já houve na história do Brasil. Pensando no homem, pensando no trabalhador, na mulher e no mais velho é que nós estamos entusiasmados pelo Brasil.

E termino dizendo, entusiasmar vem da expressão “ter Deus no coração”. Entusiasmar significa isso. E nós estamos entusiasmados porque temos o povo no nosso coração. E o povo gaúcho mora no meu coração.